

São Jorge

histórias, lutas e pertencimentos



LONDRINA, 2025

São Jorge: histórias, lutas e pertencimentos. / organização de Leonardo da Silva Ferreira, Elisangela Costa de Araujo e Léia Aparecida Veiga. — Londrina: [s.n.], 2025.

26 p. : il. color. ; 21 cm (A5)

Organização: Leonardo da Silva Ferreira, Elisangela Costa de Araujo e Léia Aparecida Veiga.

Arte final: Leonardo da Silva Ferreira.

ISBN: 978-6501-85700-8

Jardim São Jorge (Londrina, PR) – História.

1. Ocupações urbanas – Londrina (PR). 2. Geografia urbana – Aspectos sociais. 3. Territorialidade e pertencimento. 4. Direito à cidade.

São Jorge

histórias, lutas e pertencimentos

Organização: Leonardo da Silva Ferreira, Elisangela Costa de Araujo
e Léia Aparecida Veiga

LONDRINA, 2025

SUMÁRIO

● O território do São Jorge: a história da ocupação

Danielly dos Santos Claudino e Gabriel Xavier Fernandes

● São Jorge ontem e hoje: lutas e conquistas

Bruno Godoi de Almeida; Elisângela Costa de Araujo; Gabriel Muxfeldt; Veronice dos Santos Alves e Welliton Fernando dos Santos

● Direito à Cidade e o São Jorge

Bianca Chbane Conti e Pedro Henrique Basso Menani

● Aqui é o nosso lugar: os espaços de pertencimento do São Jorge

Francisco Zafalon; Gustavo Rodela e Marcelo Porto

● São Jorge: uma história do desenvolvimento urbano e social

Alessandro Rodrigues de Lima Brandão; Guilherme Felipe Ramos e Gustavo Costa da Fonseca

● A cidade que queremos mais perto: Trajetos de luta e permanência

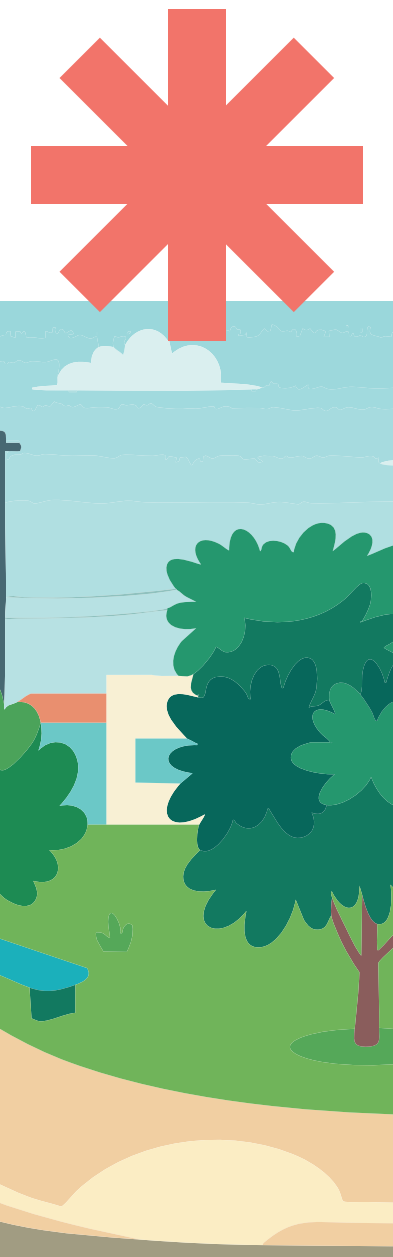
Nathalia Moraes Marcolin

● O Rio do meu Bairro: cuidados com a natureza no São Jorge

John Lucas e José Rafael Vilela da Silva

● Referências Bibliográficas





PREFÁCIO

A produção do espaço é uma atividade quase artística, que envolve a participação de múltiplos autores, que convivem e conflitam na mesma “tela”, buscando a realização de interesses, a luta pela presença, a possibilidade de deixar sua marca. No entanto, para além de uma expressão, a produção do espaço é a própria materialização da vida.

O maior exemplo dessa materialidade é a própria cidade. É sobre esse espaço que a presente obra se debruça, apresentando-se ao leitor no conforto de um conto, que desbrava a história da construção do que conhecemos hoje como São Jorge, bairro periférico da cidade de Londrina. Nessa narrativa, a ficção se entrecruza com a realidade, pois as personagens criadas para narrar o processo de luta pelo direito à cidade, na verdade, reverberam as vozes das pessoas que efetivaram a ocupação de terrenos na zona Norte de Londrina, com o intuito de criar um espaço de habitação, um lar para aqueles que estão à margem do processo capitalista de produção e reprodução do espaço urbano.

Essa cartilha contém uma estruturação envolvente, com linguagem acessível e objetivo formativo, pois apresenta e contextualiza conceitos relativos à ciência geográfica com os eventos que contemplam o processo de ocupação do espaço, vivências para a construção de um território, lutas para a regularização fundiária e o registro da continuidade de uma comunidade no São Jorge.

Temas relevantes e atuais são mobilizados pelos autores, que, com diferentes áreas de formação, incorporam a interdisciplinaridade na abordagem da urbanização desigual e segregadora, das questões raciais intrincadas à cidade e dos problemas ambientais decorrentes do crescimento urbano sem planejamento.

A trajetória do bairro, apresentada por meio de contação de histórias, proporciona uma imersão que permite ao leitor compreender termos técnicos e jurídicos de forma simples e objetiva, essenciais para o letramento social e exercício crítico da cidadania. Também traz informações explicativas sobre o funcionamento de diferentes instituições políticas e assistenciais operantes dentro do bairro, com destaque à articulação feminina, que representa a luta, a força e a resistência do povo em seu território.

Dessa forma, os conhecimentos sistematizados nesse documento são direcionados a um público-alvo amplo e abrangente, como os moradores locais e demais habitantes da região que têm curiosidade em conhecer o histórico e os elementos existentes no bairro disponíveis aos moradores, assim como professores e estudantes que desejam um material pedagógico que ajude na consolidação de conceitos abstratos sob a égide de exemplos reais.

Retornando à ideia inicial, a produção do espaço é uma ação quase artística, no entanto, a expressão da materialidade do São Jorge sistematizada por essa cartilha fundamenta a arte de ensinar, que em sua origem etimológica significa deixar marcas. Ao compreender o ensino como uma arte, capaz de sensibilizar, formar e transformar, foi uma honra, na condição de prefaciadora convidada, apresentar esta obra ao leitor.

Heloisa Maria Mantovan

Mestre em Geografia, pesquisadora em geografia urbana e envelhecimento

Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGeo/Uel

Londrina, dezembro de 2025

São Jorge

histórias, lutas e pertencimentos

Organização: Leonardo da Silva Ferreira, Elisângela Costa de Araujo
e Léia Aparecida Veiga



APRESENTAÇÃO

O Jardim São Jorge é feito de histórias. Histórias de quem chegou com pouca coisa além de coragem, de quem levantou barraco de lona na madrugada chuvosa, de quem buscou água na bica, puxou luz, plantou árvore, abriu rua, cuidou de vizinho e transformou um vazio urbano em lugar de vida.

Esta cartilha é resultado das atividades da disciplina Produção e Reprodução do Espaço Urbano, ministrada pela Prof.^a Dra. Léia Aparecida Veiga, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) no ano de 2025. O material foi elaborado a partir de pesquisas de campo, entrevistas e observações realizadas no bairro Jardim São Jorge, em Londrina, com o objetivo de registrar e valorizar sua trajetória de ocupação, resistência e transformação urbana.

A narrativa acompanha o diálogo entre dois personagens fictícios — Jorginho e sua avó — que percorrem o bairro relembando suas histórias, lutas e conquistas. Por meio dessa conversa entre gerações, são apresentados conceitos de Geografia de forma acessível, relacionando teoria e cotidiano.

Escolhemos contar essas histórias pela voz de quem vive o bairro. Por isso, você encontrará diálogos entre gerações que caminham pelos espaços do bairro. Essa combinação de fala cotidiana com explicações curtas pretende aproximar conceitos importantes da experiência concreta de quem mora aqui.

A cartilha também apresenta iniciativas que fortalecem o sentimento de pertencimento e cuidado: a revitalização da praça, a Casa Solidária “Amigas do São Jorge”, a horta comunitária, as mobilizações por serviços públicos, os mapas que ajudam a localizar equipamentos e percursos do dia a dia. Tudo isso é mais do que infraestrutura: são marcas materiais da organização popular, caminhos para ampliar dignidade, segurança e bem-estar.

Que esta cartilha circule nas casas, na escola, nos encontros da associação, nas rodas de conversa. Que sirva para ensinar e aprender, para lembrar e planejar, para fortalecer a organização coletiva e o diálogo com o poder público. O São Jorge é um território de guerreiros e guerreiras — e a cidade que queremos se constrói com a nossa presença, a nossa palavra e a nossa ação.

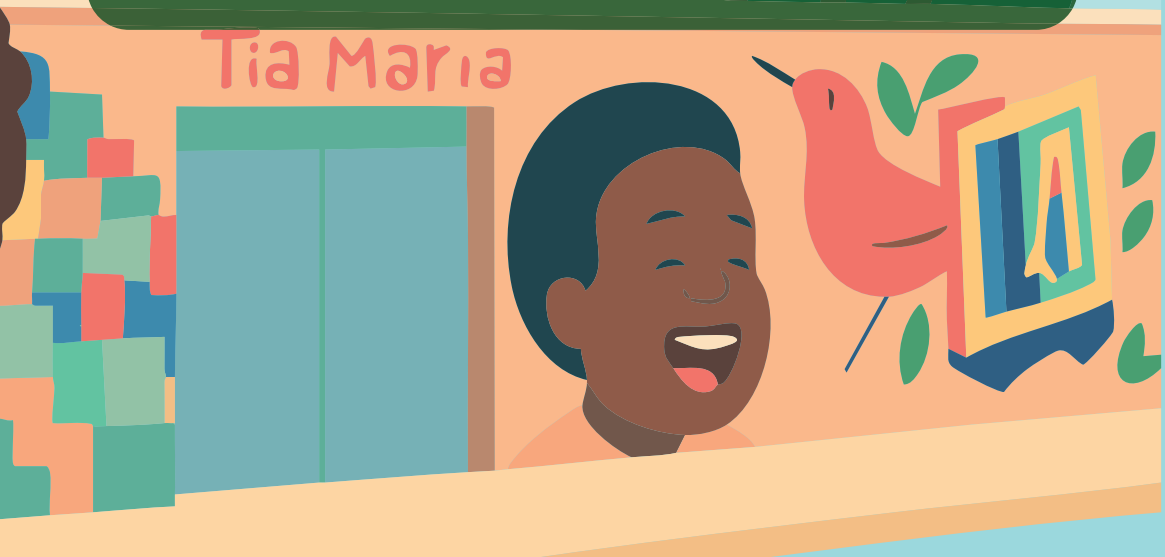
Boa leitura. Boa conversa. Boa caminhada pelo bairro.

Londrina, 2025

Léia Aparecida Veiga

Leonardo da Silva Ferreira

Tia Maria



O território do São Jorge: a história da ocupação

Jorginho:

Vovó, a professora na aula hoje disse que o espaço geográfico é onde vivemos! Aqui, aonde moramos. É isso mesmo?

Avó:

Isso mesmo Jorginho! Mas antes você precisa entender algo muito importante.

Nem sempre foi “aqui” todo mundo viveu. Este lugar, que hoje chamamos de lar e bairro, são construções de uma longa batalha, que ainda hoje enfrentamos. Quando não tínhamos onde morar, nos unimos e fomos à procura de um pedaço de chão na cidade. E aqui estamos.

O Espaço Geográfico é isso: o lugar onde a gente vive, mas também é o palco onde as pessoas agem, lutam, e com suas próprias mãos constroem seu lugar no mundo. É onde a gente transforma a paisagem e constrói o nosso território.

Jorginho:

Paisagem e território? O que essas coisas têm a ver com nosso bairro?

Avó:

Paisagem é a expressão visível do espaço, a natureza já existe por si e a sociedade introduz outros elementos, tanto visíveis, como as casas, os prédios, as ruas, e também invisíveis, como as emoções e os sentimentos.

A combinação desses elementos é o que forma a paisagem.

Jorginho:

A professora disse que é no espaço que isso tudo acontece, é verdade?

O que é Paisagem?

De acordo com Santos (1996), a paisagem seria a expressão visível do espaço e não possui um caráter fixo. Pelo contrário, ela se encontra em constante transformação, adaptando-se às novas necessidades da sociedade, mesclando objetos do passado e presente. Isso ocorre porque, a cada processo de mudança social, a economia, as relações sociais e políticas também se alteram em ritmos e intensidades diversas, e essa dinâmica se reflete diretamente no espaço e na paisagem.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006



Avó:

Ela tem razão, o Espaço é onde ocorre as transformações da paisagem pelas mãos humanas.



Fonte: Google Street View.

Jorginho:

E onde entra o tal do território que a senhora falou?

Avó:

Território vai além de divisões físicas e fronteiras, é onde o poder se torna material, local onde as disputas são travadas e as leis estabelecidas. Se você pensou em poder, pensou em território!

É aqui, onde pisamos e construímos os muros, que o poder se materializa.

Jorginho:

Então o nosso bairro é um território?

Avó:

Sim. E sabe por quê?

Jorginho:

Se a senhora falou que território tem a ver com poder e que esse espaço que vivemos foi resultado de uma luta, imagino que teve uma questão relacionada a uma disputa ou batalha aqui no São Jorge, é isso?

Avó:

Ah, meu neto, foi uma batalha e tanto!

O que é Território?

Para Santos (1978), "a utilização do território pelo povo cria o espaço". Saquet e Silva (2008), ao realizarem um trabalho que buscou evidenciar as concepções de Milton Santos sobre alguns conceitos, os autores evidenciam que o geógrafo considerava o território como algo delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo.

SANTOS, M. Por uma Geografia Nova.

São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SAQUET, Marcos Aurelio; SILVA, Sueli Santos da. **Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território.** Geo Uerj, v. 2, n. 18, p. 24-42, 2º semestre de 2008.

Avó:

Quando eu cheguei, junto com os primeiros moradores, tudo aqui era uma plantação de soja e vassoura, não tinha nada além disso. Essa era a paisagem do local que hoje chamamos de São Jorge, não existiam essas casas, a escola, as ruas, nada disso.

Jorginho:

E por que vocês vieram pra cá? Se aqui não tinha nada além de mato?

Avó:

Todos nós sonhávamos com uma casa própria, mas não tínhamos condições para comprar uma residência ou manter um aluguel, então consideramos que aqui seria o lugar ideal para construir nossos futuros lares.

Jorginho:

Ah, entendi. Então vocês compraram esse terreno?

Avó:

Todos nós sonhávamos com uma casa própria, mas não tínhamos condições para comprar uma residência ou manter um aluguel, então consideramos que aqui seria o lugar ideal para construir nossos futuros lares.

Jorginho:

Ah, entendi. Então vocês compraram esse terreno?

Avó:

Não meu neto, nós ocupamos. Como não havia nada construído por aqui, decidimos dar início ao nosso sonho.

Jorginho:

E como foi no primeiro dia?

Avó:

A gente marcou a ocupação para o dia 10 de outubro de 1997, uma sexta à noite, mas veio um temporal danado. Só os líderes conseguiram ir e levantar os barracos na madrugada. Foi a madrugada toda debaixo de chuva, mas Deus e São Jorge nos ajudaram e no sábado todo mundo chegou com o sol!

Jorginho:

E a polícia, eles não tentaram tirar vocês, já que era uma ocupação irregular?

Avó:

No sábado, a polícia, a imprensa e a Cohab apareceram, sim. Mas, por incrível que pareça, não houve violência. As famílias ficaram e começaram a demarcar os lotes e montar suas casinhas de lona e madeira.

**O início da ocupação**

A ocupação do Jardim São Jorge teve início na madrugada de 10 de outubro de 1997, uma sexta-feira chuvosa, quando apenas os dirigentes conseguiram levantar os primeiros barracos. No sábado, o restante das famílias chegaram, encontrando já a presença da polícia, imprensa e representantes da Cohab-Ld, mas sem violência. A história detalhada dessa ocupação e regularização está presente na pesquisa de Postali (2008). Léia, uma das moradoras entrevistadas nessa pesquisa, descreveu a luta sob chuva para erguer os barracos e a chegada das famílias no dia seguinte. Nos meses subsequentes, centenas de famílias se juntaram à ocupação, vindas principalmente da porção norte de Londrina, mas também de outras ocupações e até de outras regiões do Brasil.



Jorginho:

Nossa vovó, e como o bairro cresceu tanto?

Avó:

Nos meses seguintes, muita gente chegou, olha essa foto. A maioria vinha da zona norte de Londrina, mas também veio gente de outras ocupações e até de São Paulo e do Nordeste. Pessoas daqui ligavam para parentes que não tinham casa e eles vinham pra cá.



Fonte: Melchior e Asari (2003)

Jorginho:

E a regularização, vovó? Demorou muito?

Avó:

Muito! A Cohab dizia que a área era da Codel e que poderíamos ser expulsos. Mas alguns moradores foram atrás e descobriram que a Codel tinha uma dívida com a Cohab. Aí começaram a pressionar a Cohab para negociarem e, com a ajuda do Alex Canziani da Codel, a transferência do terreno foi feita e o processo de regularização começou.

Jorginho:

E depois da regularização, as coisas melhoraram?

Avó:

Aos poucos, mas sim. Em 1998, chegou água e logo depois energia elétrica e iluminação. Mas o asfalto só veio quatro anos depois! A Cohab demarcou os

lotes e em 2000 o Jardim São Jorge virou área regular. De lá pra cá, a paisagem daqui mudou muito, olhe ao nosso redor!

Jorginho:

E o nome do bairro, quem escolheu?

Avó:

Foi uma das primeiras moradoras daqui, a Léia! Ela disse que, como sabia que seria uma batalha grande para ficar aqui, escolheu o nome do santo dos guerreiros, São Jorge, porque todos nós fomos guerreiros aqui.

Jorginho:

Que legal, vovó! Então, o São Jorge é um bairro de guerreiros!

Avó:

Exatamente, Jorginho! E a escolha do nome 'São Jorge' se conecta com o conceito de território. Quando esse nome foi escolhido já sabíamos que ficar aqui ia ser uma batalha muito grande. Não era só ocupar um pedaço de terra; era lutar para transformar aquele espaço em um território.

Jorginho:

Agora eu entendi o que significa essa palavra. Território não é só o lugar físico, é o espaço onde as relações sociais acontecem, onde as pessoas se organizam, lutam por seus direitos e constroem sua identidade. Tudo isso aconteceu bem aqui!

Avó:

Muito bem! O nome São Jorge reflete essa luta constante para garantir a posse da terra e transformar aquele lugar de ocupação em um lar reconhecido e seguro para todos. Hoje, esse território é um local de orgulho para todos nós!



Fonte: Os autores, 2025.

São Jorge ontem e hoje: lutas e conquistas

De ocupação aos dias atuais: conquistas e desafios

Conforme levantado na pesquisa de Postali (2008), as melhorias no bairro começaram a surgir com a chegada do cavalete comunitário para água em 1998, seguido pela instalação de energia elétrica e postes de iluminação. Quatro anos depois da ocupação, o bairro foi asfaltado. Em 2000, o Jardim São Jorge foi considerado área regular pela Cohab-Ld, e o processo de escritura dos terrenos foi iniciado em 2007, garantindo a posse legal aos moradores.

Segundo notícias atuais, o bairro recebeu 314 lâmpadas de LED no ano de 2019, e em 2021 a principal praça do bairro foi totalmente revitalizada. Entretanto, de acordo com relatos dos próprios moradores, algumas melhorias ainda são necessárias, como a implantação de uma UBS.

Disponível em:
<https://blog.londrina.pr.gov.br/?tag=jardim-sao-jorge>.

Jorginho:

Vó, é muito bom morar aqui, a senhora não acha? Ainda mais poder brincar na pracinha, andar de bicicleta na rua.

Avó:

Sim, Jorginho...mas, nem sempre foi assim. Já passamos por muitas dificuldades.

Jorginho:

Verdade? Mas, hoje tem tudo no Bairro! Asfalto, água encanada, luz elétrica, escola para as crianças.

Avó:

No início Jorginho, lá pelos anos de 1997, as casas eram de madeira, a água a gente tinha que buscar na mina de balde...ali depois da praça. Quando chovia era um barro só! Faltava o básico, e tivemos que lutar muito pelos nossos direitos.

O que são direitos sociais?

Direitos sociais são um conjunto de direitos que todo cidadão e cidadã têm para uma educação de qualidade, saúde, alimentação, trabalho, direito à moradia, ao transporte, o lazer, segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados. Esses direitos estão na nossa Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 6º.



Jorginho:

Nossa vô! Então quer dizer que nossa escola, a creche, o posto de saúde além de melhorar nossa vida aqui no Bairro, é um direito?

Avó:

Isso mesmo Jorginho. Essas políticas sociais de educação, saúde, segurança, lazer estão na nossa Constituição Federal. Mas, muitas vezes para que elas sejam garantidas precisamos estar juntos, e lutar para que possam atender com qualidade a todos que moram aqui no Bairro.

Jorginho:

Como assim, vô?

Avó:

Aqui no Bairro a gente conseguiu melhorar nossa casa e ter documentos em nosso nome, quando nos unimos, formamos uma comunidade. Conseguimos regularizar nosso lote e colocar nosso Bairro no mapa com a regularização fundiária.

Jorginho:

Vovó, a senhora falou que as conquistas aqui no Bairro aconteceram como muita luta e união. Como assim?

Avó:

Ah, Jorginho, o caminho para lutar pelos nossos direitos é quando estamos juntos organizados em Associação. Hoje nós temos uma Associação de Moradores, e com ela poderemos buscar recursos para projetos no Bairro, e conquistar mais melhorias por aqui.



Fonte: autores, 2025.

O que é Regularização Fundiária?

A regularização fundiária urbana é um conjunto de medidas que visa legalizar a posse de imóveis em áreas urbanas, regularizando a situação de ocupações irregulares e dando segurança jurídica aos moradores. De acordo com a Lei nº 13.465, de 2017 isso envolve aspectos jurídicos, físicos e sociais, e pode ser feito através de programas públicos que buscam garantir o direito à moradia e o acesso à terra urbanizada, e à titulação dos moradores em núcleos urbanos informais.

O que é Associação de Moradores?

Uma Associação de Moradores se constitui pela reunião de pessoas que se organizam com uma finalidade específica, comum, e sem fins lucrativos, conforme nos explica o artigo 53 do Código Civil. Portanto, ela pode ser criada para atuar em área religiosa, moral, cultural, desportiva ou recreativa. No nosso caso, que é o das Associações de Moradores, podemos pontuar que a sua finalidade essencial é a cultural, desportiva e, ainda, a recreativa. Diante disso, podemos afirmar que uma Associação representa a vontade de todos os seus associados, não do Presidente, não do Conselheiro, não do Fundador, mas dos seus integrantes como um todo.

Direito à cidade e o São Jorge

Jorginho:

Vó, a senhora lembra, aqui era só mato e promessa?

Avó:

Ô se lembro... A gente que puxou luz, limpou o terreno, ergueu a casa com a força do braço.

É... o bairro foi construído com luta. Nada veio de mão beijada.

Jorginho:

E agora tão falando que isso tudo aqui é “direito à cidade”. Já viu esse panfleto? Tava colado lá no poste da esquina. Olha só...

Constituição Federal, art. 182

“A política de desenvolvimento urbano [...] tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.”

Estatuto da Cidade (Lei 10.257/2001), art. 2º, I

“(...) garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações.”

Jorginho:

E no São Jorge, temos Direito à Cidade?

Avó:

O São Jorge foi criado com a força do povo. Aqui, tudo foi construído com trabalho, união e resistência. Mas ainda faltam serviços e políticas públicas que garantam qualidade de vida para todos os moradores, e a possibilidade de

O que é Direito à Cidade?

É o direito de todas as pessoas viverem bem onde moram: com moradia, transporte, segurança, pontos de encontro, luz, água, coleta de lixo, escola, posto de saúde, parques e cultura.

E mais: é poder participar das decisões sobre o lugar onde a gente vive. A cidade tem que ser cuidada não só “para” a gente – mas com a gente!

Esse conceito nasceu lá em 1968, com o pensador Henri Lefebvre, que questionava o planejamento da cidade de Paris, na França. No Brasil, depois de muita luta pelos movimentos sociais, ele aparece forte na nossa Lei Maior, a Constituição, e na lei do Estatuto da Cidade.

participar de verdade no desenvolvimento do bairro, e da cidade como um todo. Quando isso não acontece, o Direito à Cidade é negado. Cabe ao Estado garantir, e à comunidade cobrar de seus representantes.

Esse panfleto é pra lembrar que o bairro é nosso. A luta é nossa. E o direito também!



Aqui é nosso lugar: os espaços de pertencimento do São Jorge

Jorginho:

Nossa praça é muito bonita, vó! Tem brinquedo, árvore, até lâmpada.

Avó:

Pois é. Antigamente, esse espaço aqui era bem simples. Era só terra e alguns bancos velhos. Mas a gente se encontrava aqui do mesmo jeito.

Jorginho:

E como ela ficou tão bonita assim?

Avó:

Ah, meu filho... foi com muita luta. A comunidade pediu, insistiu e conseguiu. A prefeitura reformou tudo: colocaram iluminação nova, plantaram flores, fizeram uma área de lazer pra criançada.



Nova Praça do São Jorge,
Google Imagens,
agosto de 2021.

A Praça do Jardim São Jorge passou por reforma em 2024, com melhorias em iluminação, lazer e jardinagem. (LONDRINA, 2024).

Jorginho:

É por isso que o senhor Jorge sempre diz que “a praça é o coração do bairro”?

Avó:

Isso mesmo! Porque é aqui que todo mundo se encontra, conversa, faz festa e vive. Aqui, a gente é mais do que vizinho — a gente é comunidade!

Jorginho:

Vó, quem são aquelas mulheres que ficam na fila da marmita?

Avó:

São as “Amigas do São Jorge”, meu filho. Um grupo de mulheres fortes, que cuidam da nossa comunidade.



Jorginho:

Elas fazem comida pra todo mundo?

Avó:

Sim! Começaram com uma panela só, cozinhando na casa da dona Brenda. Hoje, têm uma cozinha comunitária. Fazem marmitas com muito carinho.

Jorginho:

E como conseguem comida pra tanta gente?

Avó:

Recebem doações, especialmente do MST, com alimentos fresquinhos da roça. É uma parceria bonita entre quem planta e quem cozinha.

Jorginho:

E é de graça?

Avó:

É sim. Ninguém fica com fome na Casa Solidária. E ainda tem abraço e palavra amiga junto. Assim, continuamos cuidando uns dos outros.

Jorginho:

Que legal! Um dia quero ajudar também.

Avó:

E você vai, meu neto. Aqui, ajudar é uma tradição que passa de geração em geração.

Em 2023, o projeto distribuiu 1.000 marmitas no Dia da Favela. Apoiado pelo MST, leva alimento e dignidade à comunidade. (REDE LUME, 2023)



Jorginho:

Vó, olha aquela horta! Que monte de verdura! Todo mundo pode pegar?

Avó:

Bonita né? É a horta comunitária do bairro. – Pode sim. Mas tem que cuidar também. Aqui, a gente planta junto, cuida junto, colhe junto.

Jorginho:

E quem começou isso?

Avó:

Foi o povo do bairro mesmo, com apoio da prefeitura. A Secretaria de Agricultura veio com máquina, ajudou a preparar a terra... e o resto foi na força do braço.

Jorginho:

E tem o quê ali?

Avó:

Alface, couve, cenoura, beterraba... tudo sem veneno! E bem mais barato que no mercado.

Jorginho:

Legal demais! E fica ali na Associação, né?

Avó:



Isso mesmo. A horta é mais que comida: é união, saúde e orgulho do nosso bairro.

A horta foi inaugurada em 2011 e funciona na Rua Edson Esgriguero, s/n°. Hortaliças frescas e sem agrotóxicos são cultivadas pela própria comunidade. (PREFEITURA DE LONDRINA, 2023)

Horta comunitária.
Google Street View, 2023.
Acesso em: 10 jun. 2025.



São Jorge: uma história do desenvolvimento urbano e social

Jorginho:

Vovó, como era o transporte coletivo aqui no bairro em 1997?

Avó:

Meu neto, essa é uma boa pergunta, meu netinho querido, essa é sem dúvida uma boa pergunta. Você quer mesmo saber como era tudo no começo?

Jorginho:

Quero sim, vó.

Avó:

Então vamos caminhando enquanto eu conto a história do nosso bairro, meu netinho.

Jorginho:

Ebaaaaaaaaa!!!!

Avó:

Voltando para a sua pergunta, meu neto. No começo as coisas eram muito mais difíceis que nos dias de hoje, meu netinho. Éramos em poucas famílias.

Jorginho:

Poucas vovó? Quantas?

Avó:

Aproximadamente 50 famílias, meu netinho. E assim nós iniciamos a ocupação no fundo de vale do Jardim José Giordano, meu neto.

Jorginho:

É mesmo vovó?

Avó:

Sim meu netinho, antes não tínhamos estrutura alguma, se deslocar para o

centro só de carona, ou veículo próprio, meu neto, mas hoje melhorou. Hoje temos 02 linhas de ônibus que passam aqui no bairro, a linha 423 e a 1045.

Jorginho:

Pois é né vó, mas me fale mais sobre como eram as coisas, estou curioso vovó.

Avó:

Claro, meu neto. Bom, no início os moradores dos bairros próximos não gostaram muito da nossa instalação. E se mobilizaram para a desocupação da área. Foram tempos duros, meu neto.

Jorginho:

E todas as famílias ficaram, vovó?

Avó:

Infelizmente não, meu neto. Algumas famílias foram designadas para o bairro Jardim João Turquino, e outras 30 famílias ficaram no bairro, ocupamos o terreno e após 17 anos o nosso assentamento virou um bairro.

Jorginho:

Nossa vó!! Eu achei incrível a nossa história até aqui. Mas ainda temos coisas para melhorar?

Avó:

Temos sim, meu neto. Precisamos de mais estrutura, ainda não temos um posto de saúde no bairro para atender aos moradores, então quando precisamos de ajuda temos que nos deslocar uma boa distância até o bairro vizinho de carona, ônibus ou a pé para a UBS da Vila Ricardo.

Jorginho:

E é perto, né vó?

Avó:

Meu neto, infelizmente é bem longe, são 5,1 km de caminhada, sua vovó aqui gosta de caminhar, mas nem tanto hehe.

Jorginho:

Eu entendo vovó, então é uma distância bem grande.

Avó:

E como é uma distância grande, meu neto. Mas muitas coisas melhoraram, e outras ainda vão melhorar, nós precisamos lutar e seguir lutando, meu neto, as coisas melhoram conforme a gente luta.

Jorginho:

Isso é verdade vovó, mas o bairro mudou tanto assim? Então a gente não tinha saneamento básico no início? Como a gente bebia água, vovó? Ela não saía pela torneira como é hoje?

Avó:

O bairro mudou muito, hoje nós vivemos bem, mas tivemos momentos complicados, no começo tínhamos que ir pegar a água de manhã na bica, assim poderíamos tomar o banho, fazer a comida. Hoje, graças a muita luta temos o saneamento básico.

Jorginho:

Mas a água encanada chegou junto com os moradores, não é mesmo vó?

Avó:

As coisas eram difíceis e os tempos eram outros, meu netinho. Nós tínhamos que andar com o balde por uma boa distância para pegar água, depois de um ano e meio que veio a água encanada, e como eu disse era na bica, e só 03 anos após a ocupação, que a água passou a ser distribuída nas casas.

Jorginho:

Eu acho a nossa história incrível, e nós lutamos muito, né vovó. Eu fico muito orgulhoso da nossa trajetória, vovó.

Avó:

Mas tem muito mais coisas meu netinho.

Jorginho:

Sério vovó? Quero saber tudo sobre o

nosso bairro, me conta toda a nossa história, vovô.

Avó:

Vou contar, meu neto. Após toda a questão da água, do transporte veio outra melhoria.

Jorginho:

Qual, vovó?

Avó:

O esgoto meu neto, o esgoto.

Jorginho:

Mas ainda bem que ele veio logo, né vó?

Avó:

Na verdade não foi bem assim, pois ele demorou 17 anos para chegar até nós, e nem todas as famílias conseguiram fazer a ligação por falta de dinheiro e recursos financeiros, meu neto.

Jorginho:

Tudo isso?!!!

Avó:

Sim meu neto, tudo isso, todo esse tempo.

Jorginho:

Ah entendi vovó!! Mas porquê nem todas as famílias conseguiram ligar o esgoto no ano de instalação?

Avó:

Por um motivo, meu netinho. A desigualdade social que existe em nossa cidade e em nosso país. Uma amostra desse problema é a nossa história com a energia elétrica no bairro.

Jorginho:

Sério vovó?? E como foi isso??

Avó:

Bem meu neto, foi uma longa história. No começo do bairro, beem no comecinho, nós fazíamos gato para ter acesso ao serviço de luz, e foi assim

entre os anos de 1997 e 2002, quando a luz finalmente veio ao nosso bairro e passamos a ter a ligação da luz em nossas casas.

Jorginho:

A gente ficou 05 anos sem luz?? Fazendo gato??

Avó:

Sim, meu neto, infelizmente sim, porém em 2002 recebemos a regularização da luz, e passamos a poder usufruir deste serviço essencial, e hoje temos uma vida melhor, embora ainda haja problemas como lâmpadas da iluminação pública que queimam e precisam ser trocadas. Posso dizer que as políticas públicas de melhoria de infraestrutura mudaram a nossa vida. Se antes as ruas eram de chão batido, não tínhamos transporte público, água, luz ou escolas, hoje temos tudo isso meu neto.

Jorginho:

Mas falta uma coisa, vovó?



Avó:

O que meu neto?

Jorginho:

Ainda não temos um posto de saúde vovó, temos que andar muito para chegar na UBS mais próxima.

Avó:

É verdade meu neto, eu havia me esquecido disso, meu neto vamos caminhar?

Jorginho:

Vovó, você viu como a situação aqui no bairro tem afetado a gente, especialmente as mulheres?

Avó:

Vi sim, meu neto. É complicado... As mulheres, principalmente as negras, enfrentam muitos desafios aqui. Muitas precisam sair para trabalhar, mas enfrentam preconceito na hora de serem contratadas. Muitas são ignoradas ou menosprezadas por conta de sua cor e origem...

Jorginho:

Mas porque acontece isso, vovó?

Avó:

As pessoas têm uma visão estereotipada do nosso bairro, envolvida de preconceito. É como se desconsiderasse todas nossas qualidades, histórias e competências.

Jorginho:

Que triste vovó, é como se estivéssemos excluídos e à margem da sociedade...

Avó:

E é exatamente isso que ocorre meu neto, só olhamos para o espaço onde vivemos, isso se torna ainda mais evidente. As ruas estão cheias de buracos, e não temos acesso a serviços básicos. Isso tudo impacta a nossa qualidade de vida.

Jorginho:

E não tem nada o que possa ser feito?

Avó:

Claro que tem, é indo atrás dos nossos direitos, mas é um trabalho difícil, porque quando tentamos nos organizar para reivindicar nossos direitos, muitas vezes somos desacreditados e menosprezados. Precisamos conquistar os espaços, onde possamos nos reunir e discutir nossas necessidades. É fundamental que nossas histórias sejam ouvidas.

Jorginho:

Nossa, eu nunca tinha parado para pensar nisso...

Avó:

Sim... Por isso é importante a união e construção de uma comunidade forte e decidida que busque atender as necessidades e as demandas do bairro.



A cidade que queremos mais perto: Trajetos de luta e permanência

Jorginho:

Vó, aquele mapa que a professora mostrou... eu fiquei pensando. Parece que tudo fica fora do São Jorge, né?

Avó:

Pois é, meu neto. Aqui a gente mora, mas para muita coisa precisa sair do bairro. Sempre foi assim.

Jorginho:

Mas por quê? A prefeitura não podia ter feito um postinho de saúde aqui dentro?

Avó:

Podia, sim. Mas quando a gente chegou aqui, o bairro ainda estava começando. As casas vieram primeiro, depois as ruas, depois a água, a luz... e os serviços ficaram lá longe, onde a cidade já estava pronta.

Jorginho:

Então não foi por falta de gente?

Avó:

Não. Gente sempre teve. O que faltou foi o postinho de saúde chegar junto com o bairro. A cidade cresceu, mas cresceu separando as coisas: de um lado, os serviços; de outro, onde o povo conseguiu morar.

Jorginho:

Por isso que no mapa tem tanta linha saindo daqui pra fora?

Avó:

Isso mesmo. Cada linha dessas é um caminho que a gente faz no dia a dia. Pra escola, para o posto de saúde, para o CRAS... Nada disso ficou aqui dentro do São Jorge.

Jorginho:

E isso cansa, né?

Avó:

Cansa o corpo e cansa a vida. Porque não é só a distância. É o tempo, o ônibus que demora, o dinheiro da passagem, a caminhada no sol ou na chuva.

Jorginho:

Então o mapa mostra mais do que quilômetros.

Avó:

Mostra como a cidade foi organizada. Mostra que o bairro ficou longe das coisas que todo mundo precisa todo dia.

Jorginho:

Mas a praça e a academia ficam perto.

Avó:

Essas a gente conquistou com união. Foi o bairro que fez, que cuidou, que lutou. Quando depende só da comunidade, a coisa aparece mais perto. Quando depende do poder público, demora mais para chegar.

Jorginho:

Quer dizer que morar longe dos serviços também é uma forma de desigualdade?

Avó:

É sim, meu neto. Não é todo mundo que mora na cidade do mesmo jeito. Alguns têm tudo perto. Outros precisam andar mais, esperar mais e pedir mais.

Jorginho:

E o São Jorge ainda tá nessa luta?

Avó:

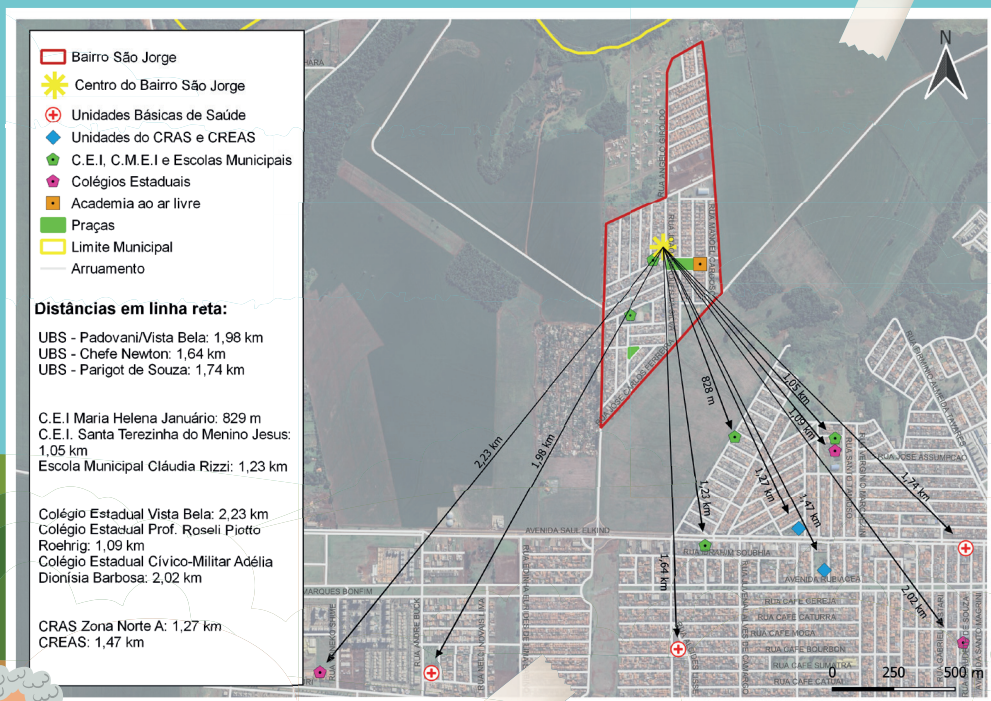
Tá. A gente avançou muito desde a ocupação, mas a história não acabou. Enquanto os serviços continuarem fora do bairro, a gente continua caminhando — e reivindicando.

Jorginho:

Então esse mapa é como se fosse mais um capítulo da nossa história.

Avó:

É isso mesmo. Ele mostra aonde já chegamos... e o quanto ainda precisamos andar.



O Rio do meu Bairro: cuidados com a natureza no São Jorge

Jorginho:

Vó, por que esse lugar aqui tem tanto lixo? Olha, ali embaixo parece que tem um rio..., mas tá todo sujo.

Avó:

Ah, meu netinho... isso aí é o fundo de vale do Ribeirão Jacutinga. Antigamente, era um lugar bonito, com várias nascentes de água limpa correndo e as crianças adoravam brincar nesse ribeirão nos dias de calor.

O que é um fundo de vale?

O fundo de vale é a parte mais baixa de um terreno, no qual a água da chuva costuma se acumular e escorrer, formando nascentes e córregos. É um lugar importante em que a natureza deve ser preservada para garantir a qualidade de vida humana. O descarte de lixo ou a construção irregular nesses locais pode contribuir para a ocorrência de enchentes, erosões e deslizamentos, na degradação dos cursos d'água e difusão de doenças geradas pela falta de saneamento básico adequado.

Jorginho:

Sério, vô? Nem parece... agora só tem sacolas, latinhas, garrafas e até colchão velho!

Avó:

Pois é. Muita gente aqui do bairro junta material para reciclar, para complementar a renda. Mas às vezes falta um lugar certo para guardar, ou até mesmo apoio da prefeitura. E aí o lixo acaba se espalhando por aqui...

Por que a coleta e reciclagem é importante?

"A reciclagem em um sistema de gestão integrada de resíduos sólidos remete às etapas de recuperação de recicláveis dos resíduos urbanos e sua utilização como matéria-prima secundária. Determina-se aqui como o processo de recuperação da matéria-prima o conjunto de ações envolvendo a coleta seletiva e a triagem dos resíduos, sua limpeza e prensagem e/ou enfardamento, conforme o tipo de material, deixando-o pronto para ser transformado como matéria-prima secundária." (RIBEIRO et al., 2014, p.195).

É uma forma de reaproveitar materiais como papel, plástico, vidro e metal, em vez de jogar tudo fora. No São Jorge, muitas famílias vivem da coleta e venda desses materiais. Mas é importante separar o lixo corretamente e armazenar em locais adequados para evitar sujeira nas ruas e poluição dos rios. Constituição, e na lei do Estatuto da Cidade.

Jorginho:

E a água, vô? Ela ainda nasce aí?

Avó:

Ainda nasce, sim. Mas já não tem força como antes. A água da nascente vem do interior da terra — se a gente entope a superfície de lixo, a água fica poluída. E quando a água fica poluída...todo mundo sofre.

Jorginho:

A gente podia limpar esse lugar, né? Chamar o pessoal da escola, fazer um mutirão...

Avó:

Essa é uma ideia linda, meu filho. Se cada um cuidar um pouquinho, plantar uma árvore, não jogar lixo no chão, já ajuda demais. A natureza agradece, e o bairro também.

Jorginho:

Queria poder ver esse rio limpo... com peixe, passarinho e tudo, e poder brincar nele também!

Avó:

Eu acredito que você ainda vai ver, Jorginho. Basta a gente plantar o cuidado hoje, para colher amanhã.

O que é uma nascente?

A nascente é um “afioramento natural do lençol freático que apresenta perenidade e dá início a um curso d’água” (BRASIL, 2012). Ela pode surgir no alto de morros ou no fundo de vales, e dá origem aos cursos d’água.

Cuidar da nascente é como cuidar da fonte da vida: se ela for poluída ou destruída, a água pode acabar ou ficar imprópria para todos.



Fonte: autores, 2025.



REFERÊNCIAS

- BORTOLIN, Nelson. Amigas do São Jorge oferecem jantar para a comunidade. **Rede Lume de Jornalistas**, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://redelume.com.br/2023/12/21/amigas-do-sao-jorge-oferecem-jantar-para-a-comunidade/>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- BRASIL. Associações sem fins Lucrativos. **Código Civil**. Disponível em: <https://www.lefisc.com.br/materias/2007/122007societarios.htm>, acesso em 22/07/2025.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 jul. 2025.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 96 de 06 de junho de 2017. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/CON1988.pdf Acesso em: 06 de junho de 2019.
- BRASIL. **Lei nº 10.257, 10 de julho de 2001**. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm. Acesso em: 20 jul. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 maio 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112651.htm. Acesso em: 20 jul. 2025.
- BRASIL. Ministério das Cidades. **Regularização Fundiária e Urbana e a Lei nº 13.465, de 2017**. Disponível em: https://www.gov.br/cidades/pt-br/assuntos/publicacoes/arquivos/arquivos/cartilha_reurb.pdf, acesso em 22/07/2025.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LONDRINA. Prefeitura entrega reforma da praça do Jardim São Jorge. **Blog Londrina**, 23 maio 2024. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=99144>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- MELCHIOR, Lirian; ASARI, Alice Yatiyo. Ocupações urbanas de Londrina-PR e as migrações internas. **Geografia**, v. 12, n. 1, p. 545-557, jan/jun. 2003.
- POSTALI, Valéria Barreiro. **Autoconstrução e circuito inferior da economia: uma análise da produção habitacional em Londrina/PR – estudo de caso dos Jardins São Jorge e San Rafael**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.
- PREFEITURA DE LONDRINA. **Perfil de Londrina 2023: 5.2.14.2 – Hortas comunitárias do município de Londrina – 2022, 2023**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-planejamento/gpi/perfil-de-londrina-2023/57747-5-2-14-2/file>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- PREFEITURA DE LONDRINA. Londrina ganha mais duas hortas comunitárias, **Blog da Prefeitura de Londrina**, 21 out. 2010. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=8737>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- RIBEIRO, Luiz Carlos de Santana; FREITAS, Lucio Flavio da Silva; CARVALHO, Julia Trindade Alves; OLIVEIRA FILHO, João Damásio de. Aspectos econômicos e ambientais da reciclagem: um estudo exploratório nas cooperativas de catadores de material reciclável do Estado do Rio de Janeiro. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.24, n. 1, p.191–214, jan.–abr. 2014. DOI: 10.1590/0103-6351/1390. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/neco/a/gkxxQTpNy5Mz68cXYb8Yw9p>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 1996.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- SAQUET, Marcos Aurelio; DA SILVA, Sueli Santos; concepções de geografia, espaço e território. **Geo Uerj**, v. 2, n. 18, p. 24-42, 2º semestre de 2008.

São Jorge

histórias, lutas e pertencimentos

Organização: Leonardo da Silva Ferreira, Elisangela Costa de Araujo e Léia Aparecida Veiga

Esta cartilha é fruto de um trabalho coletivo entre pesquisadoras, pesquisadores e moradoras e moradores do Jardim São Jorge, em Londrina. Ela nasceu do desejo de contar a história do bairro pelas vozes de quem o construiu — com luta, solidariedade e esperança.

Entre conversas, fotografias e registros de campo, o material reúne memórias, conceitos e conquistas que revelam o São Jorge como território de resistência e pertencimento. Mais do que um registro histórico, é um convite para continuar cuidando, reivindicando e sonhando com o futuro do bairro.

Que este material circule, inspire e fortaleça a comunidade — lembrando sempre que cada rua, cada casa e cada pessoa fazem parte desta história coletiva.

